

**A PESQUISA NA LINHA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA  
NA PÓS-GRADUAÇÃO: IDENTIDADE NEGRA,  
RESISTÊNCIA E MINORIAS**

Rosidelma Pereira Fraga (UERR)  
[rosidelmapoeta@yahoo.com.br](mailto:rosidelmapoeta@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Esta conferência tem como objetivo crucial explicitar as pesquisas realizadas na Universidade Estadual de Roraima na linha de pesquisa “literatura afro-brasileira e literatura negra” a partir do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura. Com a criação do grupo de pesquisa “África e Roraima: identidade e cultura” (CNPq) e do projeto “Literatura negra e minorias sociais”, foi possível dar um direcionamento às investigações por meio de um exame teórico e analítico de obras de escritores negros e, sobretudo da poesia escrita por mulheres negras que delineiam as escritas individuais e coletivas com base nos temas recorrentes: memória, identidade, resistência, combate ao racismo, machismo, sexismo, desigualdade e na busca pela valorização da cultura e identidade afro-brasileira. Houve um debate histórico-crítico em torno de uma “literatura menor” dos pré-abolicionistas à contemporaneidade. Nesta apresentação, o recorte se dará na escrita de mulheres negras ou de escritores em que o eu-enunciador se quer negro. Elegem-se textos como Racismo e anti-racismo, de Bernd (1994), Kafka: por uma literatura menor, de Deleuze e Guatarri (1997), Poesia e resistência, de Alfredo Bosi (2011), Identidade e diferença de Tomaz Tadeu da Silva (2013), entre outros.

**Palavras-chave:**

**Identidade. Minorias. Resistência. Literatura afro-brasileira.**

***1. Considerações preliminares***

Esta conferência tem como objetivo crucial explicitar as pesquisas realizadas na Universidade Estadual de Roraima na linha de pesquisa “literatura afro-brasileira e literatura negra” a partir do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura. Com a criação do grupo de pesquisa “África e Roraima: identidade e cultura” (CNPq) e do projeto “Literatura negra e minorias sociais” foi possível dar um direcionamento às investigações por meio de um exame teórico e analítico de obras de escritores negros e, sobretudo da poesia escrita por mulheres negras que delineiam as escritas individuais e coletivas com base em temas recorrentes: memória, identidade, resistência, luta contra o racismo, machismo, sexismo e desigualdade social, buscando discutir sobre a valorização da cultura e identidade afro-brasileira, por meio de um debate histórico-crítico em torno de uma “literatura menor”

dos pré-abolicionistas à contemporaneidade.

Nesta perspectiva, o recorte se dará na escrita de mulheres negras ou de escritores em que o eu-enunciador se quer negro. Elegem-se textos como *Racismo e anti-racismo*, de Bernd (1994), *Kafka: por uma literatura menor*, de Deleuze e Guatarri (1997), *Poesia e resistência*, de Alfredo Bosi (2011), *Identidade e diferença* de Tomaz Tadeu da Silva (2013), entre outros. Em suma, procurar-se-á dividir este trabalho em três eixos: 1) A pesquisa em literatura afro-brasileira e/ou literatura negra; 2) *Concepções da crítica sobre literatura afro-brasileira/literatura negra identidade e minorias*; 3. *As várias vozes* na literatura no contexto de memória, identidade, racismo e outros temas.

## **2. A pesquisa em literatura afro-brasileira e/ou literatura negra**

Do projeto de pesquisa *Literatura negra e minorias sociais* originam-se várias pesquisas na graduação e pós-graduação. Como esta jornada nacional de filologia insere também o seminário de pesquisa da Pós-Graduação, na Universidade Estadual de Roraima, mencionarei algumas orientações na linha de pesquisa que envolvem estudos sobre literatura afro-brasileira. A pesquisa “A representação do negro na poesia afro-brasileira contemporânea de Cuti” foi defendida pela professora Simone de Castro Assumpção e teve como norteamento investigar a poesia afro-brasileira que, por sua vez, surge no momento em que o afrodescendente assume a posição de sujeito da enunciação. Em seu estudo, a autora revela que, ao tomar posse da palavra, o descendente de africano revela um existir negro no seu modo de ver e sentir o mundo, por meio de um eu-enunciador-que-se-quer-negro e que contesta os valores representados pela cultura dominante. A autora destaca um estudo de contraliteratura por promover a ruptura com a escrita ditada pelos brancos, sendo que o poeta doravante falará apenas em seu nome.

Sob o prisma de alguns estereótipos enraizados na história sobre a mulher negra, menciono a pesquisa de Alcimar Falcão “Mulheres negras na história e na literatura brasileira”. Este trabalho teve como objetivo primordial provocar reflexões acerca processo histórico de luta contra os estereótipos em relação a mulher negra que são marcados pela cor da pele, condição social, subjugadas à invisibilidade e a elementos negativos, chegando ao sexismo e ao trabalho escravo. Diante disso, a autora procura por meio de textos literários desconstruir esses estereótipos.

Na mesma linha, menciona-se o estudo de Elisângela Castro de Jesus intitulado “*Mulher e a construção social do casamento na obra de Mia Couto*”, com o *corpus* de análise voltado para o conto “Rosalina, a nenhuma” e o romance “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”. A espinha dorsal desta pesquisa foi discutir a partir das concepções de Simone de Beauvoir sobre a história do casamento permeada pela submissão, procriação chegando ao empoderamento da mulher que não quer mais viver no silenciamento provocado pela opressão machista e do casamento que não é libertação.

No exame temático sobre racismo, há a pesquisa de Maria Lima intitulada “*Racismo, gênero e sexualidade em Clara dos Anjos que descortina algumas abordagens sobre tais aspectos na literatura afro-brasileira*.”

E sobre a literatura moçambicana, cito a pesquisa de Soraia Nascimento “*Identidade, diferença e preconceito racial em O embondeiro que sonhava pássaros, de Mia Couto*”. Um estudo pautado na discussão sobre injúria racial e preconceito racial permeadas no discurso dos brancos em detrimento do negro que embondeiro que distribuía sonhos e narrativas para as crianças estabelecendo dois eixos pela metáfora do pássaro e passari-nheiro: a liberdade e a opressão, diferença entre negros e brancos ocasionada pela injúria racial.

Assim, diante das pesquisas orientadas e do projeto *Literatura negra e minorias*, tem-se como norteamento, os eixos-temáticos, a saber: literatura afro-brasileira, identidade, resistência e minorias. Sob esse prisma, abre-se inicialmente um questionamento: “Por que falar da mulher negra como minorias ou literatura menor e até mesmo vozes silenciadas e resistência?” Pode-se asseverar que em uma escala social, a mulher negra é a que mais sente as consequências de racismo, machismo, desigualdade e relações de misoginia e toda série de violência, não deixando de pensar no negro como um todo.

Resistir e combater são dois verbos que descortinam um ritmo forte em relação à poesia negra feminina contemporânea. Em vários textos há vozes que não querem ser mais silenciadas. Combater tal silenciamento, eis a arma da poesia negra. Resistir, eis a chama da poesia que não se apagará. É neste contexto de resistência que podemos ler poemas negros e ouvir o grito da mulher negra, ouvir o canto do pássaro oprimido, ouvir as várias vozes diante de uma sociedade machista, misógina, desigual, preconceituosa e ainda racista. Em outras palavras, esta conferência se trata de vozes de

minorias, lembrando o conceito de Deleuze e Guatarri (1997)<sup>1</sup> no que concerne às vozes que faltaram, vozes que hoje já não ficam recônditas no discurso da história escravagista, mas que ao falar de tal tema emitem barulho, incomoda, tira o leitor do chão e do lugar comum.

Basta abrir uma página nos jornais para ver que a diferença social ainda está acentuada pela cor da pele. A exemplo disso, nota-se que o número de mulheres negras como empregada doméstica é bem maior e não diminuiu muito em 10 anos. No que tange à violência contra a mulher negra, podemos nos basear no Mapa de Violência de 2015, onde consta que em dez anos, os assassinatos de brasileiras negras crescem 54% e as mortes de mulheres brancas caíram 9,8%. Curiosamente, das seiscentas mulheres que sofrem feminicídio<sup>2</sup>, sessenta por cento tem a cor da pele negra. E se quisermos ampliar o mapa das diferenças entre brancos e negros, entramos nos dados da Infopen<sup>3</sup> com o seguinte registro: das 693.145 pessoas presas, 64% são negras. Outro questionamento, se mais da metade da população brasileira é negra, por que o número de negros com ensino superior é discrepante em relação a brancos e por que ainda em muitos anos de políticas públicas, o número de presos recai sob a raça negra?

Em termos da relação entre literatura e sociedade, a literatura negra brasileira versa sobre temas que procuram denunciar e combater essas diferenças existentes, procura abrir o olhar do leitor para a invisibilidade da mulher negra que já não se conforma com os cargos impostos pela cor da pele. A literatura negra abre o leque para o grito de liberdade que foi apenas uma metáfora silenciosa e fingida para dizer que negros foram libertos. Não diferente dos dados acima, podemos asseverar que na própria cultura e história da literatura brasileira a arte literária do cânone brasileiro é uma supervalorização do branco em detrimento do negro. Este quando evocado, em várias obras, ou é visto como escravo, como serviçal ou, no caso da mulher negra, aquela que se nota pela beleza do corpo e do prazer instaurando outros problemas: a violência e a condição da mulher em desigualdade.

---

<sup>1</sup> Conforme *Kafka*: por uma literatura menor.

<sup>2</sup> Leia-se em <http://blogueirasnegras.org/2018/01/10/cor-da-violencia-femicidio-de-mulheres-negras-no-brasil/>.

<sup>3</sup> Infopen (Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias).

### **3. Concepções da crítica sobre literatura afro-brasileira/literatura negra, identidade e minorias**

Sob esse prisma, este trabalho tem como premissa crucial explicitar as poéticas periféricas no âmbito da linha da identidade, resistência e representação cultural em contexto de minorias. E para iniciar a discussão crítico-teórica, convoca-se o crítico Alfredo Bosi em sua *Dialética da colonização*, o qual permite ao leitor pensar que as culturas são plurais assim como a identidade movente como assevera Stuart Hall (2006). Bosi (1992) assevera que a tradição da nossa Antropologia Cultural já via uma divisão do Brasil em culturas atribuindo-lhes um critério racial: cultura indígena, cultura negra, cultura branca, culturas mestiças, ou melhor, cultura brasileira e culturas brasileiras, ou ainda mesmo como culturas não europeias (as indígenas, negras, etc) e culturas europeias.

Nesta perspectiva, pode-se pensar a construção da identidade cultural na imagística dos textos negros ou afro-brasileiros. Para análise deste trabalho, concentra-se na dialética da representação do ser negro e de sua valorização durante muito tempo negada a uma tradição de cultura de branqueamento. A mulher negra celebrada nas poéticas negras contemporâneas abre um leque temático de leituras. Sob esse prisma, ganha voz para denunciar as mazelas sociais da diferença acentuada pela cor da pele, pelo lugar que o negro ocupa na sociedade. Percebe-se uma formulação de um discurso lírico que agrega elementos culturais e estabelece a diferenciação entre o eu e o outro, isto é, a identidade e a alteridade e, sobretudo, as identidades em construção, de acordo com o que constatamos na obra “Da diáspora: identidades e mediações culturais”, de Stuart Hall (2013).

Neste viés, a identidade, por sua vez, pode ser compreendida como um conjunto de representações e características culturais de um povo, as quais permitem reconhecer um e outro ao diferenciá-lo dos demais. Em outras palavras, não importam as diferenças em termos de classe, gênero ou raça, mas sim a cultura nacional que unifica as pessoas dentro de uma identidade plural na diversidade<sup>4</sup> como bem asseverou Bosi ao utilizar o termo

---

<sup>4</sup> Utilizamos o conceito de diferença cultural e não o de diversidade cultural, que conforme Bhabha há diferença. Para ele, a diversidade cultural contempla um universo de coisas, ao passo que “a diferença cultural representa mais adequadamente como enunciados são criados para promover a legitimação de determinadas culturas em relação a outras” (MADALENA, 2017, p. 2).

culturas brasileiras no plural. Diante disso, prefere-se muito mais utilizar literatura afro-brasileira que literatura negra em virtude de não excluir ao incluir. Literatura é literatura e não se avalia a qualidade de um texto literário pelo discurso de branco ou negro. Contudo, o termo literatura negra surge por uma longa discussão de silenciamento de vozes que não foram valorizadas pela crítica hegemônica brasileira e não cabe aqui realizar toda a trajetória dos escritores negros no Brasil e sim voltar o olhar para o texto literário e suas feições artísticas que entram para uma literatura de resistência e combate ao preconceito e ao racismo, sobretudo no que tange à representação da mulher tanto no olhar do eu-lírico masculino como no eu-lírico feminino.

Efetivamente, a identidade é questionada a partir da existência de diversas culturas e da ancestralidade e a cor da pele muito ressaltada na poesia negra não simboliza necessariamente o constructo das diferenças de relações que vão além da cor da pele, pois o sujeito pode viver na indecidibilidade de sua raça, cor ou etnia. Kathryn Woodward (2002), ao introduzir o seu capítulo *Identidade e diferença: uma discussão teórica e conceitual* assevera que “os homens tendem a posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência, sendo assim, as mulheres são as significantes de uma identidade masculina partilhada.

Em consequência, a identidade é marcada pela diferença das relações, mas “parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos sociais e étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (p.10-11), em muitos casos, a diferença entre negros e brancos não só na valorização de uma literatura como também nos lugares sociais ocupados por negros e brancos. Em poemas escritos por mulheres negras percebe-se que a mulher negra ou é a margarida que varre o asfalto ou é a negra fulô das curvas eróticas e belas que deita com o feitor na condição de escrava sexual.

Sob esse prisma, não basta discutir a identidade negra exaltando a afrodescendência ou se assumindo como negro em uma sociedade desigual. Não basta dizer que a identidade negra deve ser pensada, pela mistura cultural e não pela linha de diferença acentuada pela cor da pele. Essas diferenças “só fazem sentido se compreendidas uma em relação à outra”, isto é, “a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Sendo ambas inseparáveis” (WOODWARD, 2002 *apud* SILVA, 2002).

Cumpra assim examinar como a literatura negra ganha corpo e voz

no limiar de uma lírica individual e coletiva, que surge como vozes silenciadas e que não podem mais se calar diante do machismo, do preconceito, da desigualdade social, da valorização do outro pela cor da pele. A literatura negra, neste sentido, alavanca para um rio em chamas, um rio de lágrimas e dores longe de uma romantização da arte. Literatura é antes de tudo uma arma de combate, como enfatiza Bosi: 'literatura é resistência e combate ao racismo'.

No tocante a uma literatura de luta contra o racismo, combate à desigualdade social, pode-se afirmar que se assiste, a rigor, a uma literatura no limiar de protestos. Sobre isso, Bernd (1998) aponta que:

Ingressados para o curso de História, **esses negros** [da literatura] **têm neste estudo as suas vozes audíveis, na reivindicação e protesto** da sua poesia contra os sistemas hegemônicos e majoritários (...) do seu discurso consciente, uma **história** que se quer **também universal**... (BERND, 1988, p. 11)

Frente a essas discussões, cumpre discorrer sobre literatura negra e literatura afro-brasileira. Conforme o professor e crítico Assis Duarte (2016), considera-se como literatura negra o conjunto de obras publicadas por escritores negros, ao passo que a literatura afro-brasileira pode ser compreendida a partir de um falar sobre o negro. Já para Zilá Bernd (1998) em *Introdução à literatura negra*, pode-se asseverar que a literatura negra se instaura quando se tem um eu-enunciador que se quer negro.

Benedita Damasceno (2003), em sua obra *Poesia negra no modernismo brasileiro*, ressalta que a cor da pele não pode ser o requisito para conceituar uma literatura como negra. E para resolver esta questão ainda *em devir*, elegem-se os textos de autoria de escritores negros como literatura periférica contemporânea que se tem como literatura brasileira das minorias. O que denotaria outro problema e abre espaço para questionamentos, tais como: 1) Literatura de minoria seria uma literatura aquém do valor literário? 2) Em que consiste então o conceito de literatura menor?

A *literatura menor*, termo emprestado de Deleuze e Guatarri, se refere a uma literatura negra que vai se construindo em condições revolucionárias e nada tem de pejorativo e, por excelência, se refere à literatura marginal. A literatura menor tem como premissa fulcral situar-se no nível do discurso e não da forma. Ela "trafega na contracorrente" (BERND, 1998, p. 43).

Em outras palavras, a literatura negra é aquela situada à margem do

cânone e se trata das vozes de minoria, das vozes que faltavam para dizer o não-dito. Abrem espaços na academia para denunciar o racismo, para combater o autorracismo, as desigualdades sociais e as injúrias provocadas contra negros por meio do verso e da prosa.

Desse modo, a *literatura menor* é uma literatura de resistência, pode-se pensar em outro texto primordial. Trata-se do capítulo “A literatura e os excluídos”, do crítico Alfredo Bosi (2002), na obra *Literatura e resistência*. Por excelência, há duas formas de considerar a relação entre a escrita e os excluídos. A primeira praticada pelos historiadores de literatura e que se refere ao ato de ver o excluído e marginalizado como objeto da escrita: personagens, temas, etc. e é preciso amenizar os modos de figuração das camadas mais pobres na poesia, na prosa narrativa e no repertório da literatura (BOSI, 2010, p. 257).

A literatura negra pode ser explicada a partir de um depoimento do estudioso Ironides Rodrigues concedido a Luiza Lobo. Para ele, literatura negra constitui-se como aquela produzida “por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (RODDRIGUES, *apud* LOBO, 2007, p. 266, grifos nossos).

Neste contexto, podemos ainda ressaltar que independente dos conceitos, cabe ao pesquisador averiguar como ocorre a representação do negro na literatura brasileira. Vale a indicação do ensaio de Domício Proença Filho (2004) *O negro na literatura brasileira*. Tem-se um direcionamento da literatura em que o negro aparece como objeto marginalizador, distanciado, e em segunda instância como sujeito do discurso. Entretanto, não foge muito da invisibilidade desde a colonização ao século XIX.

Diante de muitos estereótipos, com base em Domício Proença Filho (2004) em *A trajetória do negro na literatura brasileira*, percebe-se o negro como mercadoria denunciado na lírica de Gregório de Matos e esta representação poderia ser uma das primeiras aparições. Surge o negro como estereótipo da nobreza de caráter ligada à cor da pele (aqui mencionamos *A escrava Isaura* de alma branca, Firmo, o mulato de olhos claros criados por Aluísio de Azevedo). Encontra-se o negro serviçal vindo da senzala em diversas obras. Tem-se o negro animalizado como em “O cortiço”, em uma tessitura de zoomorfização. Verifica-se o negro demonizado como em “O demônio familiar”, de José de Alencar, além do negro como mau agouro



aparece em “Inocência”, de Visconde de Taunay, o negro miúdo, fofoqueiro e empregado de Pereira. O negro pervertido e sensual aparecerá em obras como “A carne”, de Júlio Ribeiro representado pela figura de Lenita, personagem branca e nobre que sai à madrugada para os prazeres sexuais com os escravos. O negro ladrão reaparece no modernismo com Jorge de Lima, mas a partir de 1980 surge o revide com Oliveira Silveira e outros autores. No conto a representação do negro como malfeitor, bandido e ladrão é mais recorrente como em “Fábrica de fazer vilão”, de Ferrez, e “Eu, um homem correto”, de Murilo Carvalho. Estas referências apenas servem para guiar o leitor sobre as diferenças entre negros e brancos seguindo estereótipos<sup>5</sup> na cultura literária brasileira, porém retornar-se-á ao foco principal desta conferência.

#### **4. As várias vozes na literatura no contexto de memória, identidade, racismo e outros temas**

Nesta seção, discorrerei sobre algumas mulheres marcantes na literatura negra. Começo por Carolina Maria de Jesus, uma mulher à frente de seu tempo. Uma mulher que em seu Quarto de despejo revela a imagística do sonho, de não querer ficar na invisibilidade, uma mulher de consciência política, mulher de luta e resistência, sobretudo de sonho em seu “Quarto de despejo”: “Meu sonho é andar bem limpinha. Preta é a minha pelo. Preto é o lugar onde eu moro” (1960, p.160).

**Muitas fugiam ao me ver...**  
Muitas fugiam ao me ver  
Pensando que eu não percebia  
Outras pediam pra ler  
Os versos que eu escrevia  
Era papel que eu catava  
Para custear o meu viver  
E no lixo eu encontrava livros para ler  
Quantas coisas eu quiz fazer  
Fui tolhida pelo preconceito  
Se eu extinguir quero renascer  
Num país que predomina o preto  
Adeus! Adeus, eu vou morrer!  
E deixo esses versos ao meu país

---

<sup>5</sup> Leia-se na íntegra o ensaio de Proença Filho (2004) *A trajetória do negro na literatura brasileira*.

Se é que temos o direito de renascer  
Quero um lugar, onde o preto é feliz. (JESUS, 1960, p. 160)

Em *Guardados da memória* e outras obras, a autora Ana Cruz (2008) inscreve-se como uma escritora que provoca o amor pela cultura e costumes africanos em linguagem simples, mas não simplória. A memória individual e coletiva banha sua poesia, pois a identidade e as escritas de si se mesclam à memória do povo africano e da identidade que nos define em corpo, voz e alma. Em sua lírica também não se pode negar a resistência e a luta pela igualdade e a recusa da condição da mulher negra instaurada pela desigualdade social. Leia-se RETINTA:

Mãe preta, bonita, sorriso largo, completo  
Nem parece que passou por tantas.  
Deu um duro danado entre a roça e os bordados.  
Virou ao avesso para não desbotar.  
Dizia, não com soberba: não esfrego chão dessas Senhoras.  
Essa gente coloniza... (CRUZ, 2008, p. 184).

Pode-se elucidar que a poesia de Ana Cruz descortina a memória de um passado de exploração do negro como escravo, mas também de resistência. A mulher não aceita ser colonizada e passar pela mão de obra barata e esfregar o chão, engomar as roupas da mulher branca como ocorre no poema “Nega Fulô” citado alhures. Os versos de Ana Cruz caminham na contramão. Ela apodera-se da voz de todas as mulheres negras que deveriam ter o mesmo patamar de orgulho de ser e existir. E assim encerra o poema com uma subjetividade ultrajante: “*Se a pessoa não tiver orgulho de ser assim Zulu/fica domesticada. Sem opinião. Se autodeprecia, adoce*” (p. 194) (Grifos nossos).

Outra voz no limiar da identidade e da memória se refere à escritora negra Jussara Santos. A autora integra um dos primeiros grupos de poesia contemporânea que traçam um lirismo discursivo-poético sobre a memória da etnicidade negra assim como o poeta Edmilson Pereira. Jussara Santos canta a ancestralidade negra e denuncia o preconceito e o racismo ainda existente na sociedade. Aliás, Jussara Santos, por meio do recurso da reciprocidade da imagem intertextual, produz um lirismo discordante de “A procura da poesia”, de Drummond em seus versos “Ao pé do ouvido”, na obra “Minas de mim” (2005):

Se pudesse silenciar-me  
frente a acontecimentos  
silenciária  
mas todos os dias melancolicamente aconteço.

[...] mas todos os dias absurdamente amanheço.  
Digo não à cidade,  
Mas todos os dias revelo-me equívoco  
Diante de seus ecos.  
“... não tires poesia das coisas  
elide sujeito e objeto...”  
grita Drummond,  
mas todos os dias dramatizo,  
Invoco  
indago  
aborreço,  
e minto  
minto muito  
ouvinte no reino silencioso da palavra  
que não quer Surda. (SANTOS, 2005, p.188)

Enquanto a poesia de Drummond instaura a metalinguagem na busca pela poesia, os versos de Jussara Santos invocam, dramatizam e aborrecem uma encenação diante do silêncio surdo como na palavra drummondiana. A voz lírica quer ser ouvida, dramatizada, invocada diante das desigualdades sociais, pois todos os dias amanhecem o racismo e suas consequências; todos os dias o preconceito grita e a poesia nasce assim para dizer o não-dito, dizer o inaudível como propõe Octavio Paz em “O arco e a lira”, e assim também se traduz a poética de Jussara Santos.

Em se tratando da escritora negra Esmeralda Ribeiro evidencia essa tônica da permanência do racismo e opressão na sociedade brasileira. A diferença entre ela e outras autoras é que há um viés de pessimismo. Em vários textos líricos da autora o leitor poderá conferir uma forte luta pela inclusão da mulher, sobretudo presencia-se uma busca pela identidade feminina especificamente negra. Em seu ponto de vista, para escrever a literatura negra, o autor deve antes de tudo ser negro elevando a afirmação da identidade e memória individual e coletiva e por muitas vezes se questiona a alteridade dentro da própria existência:

Quem em sã rebeldia  
tira a máscara esculpida na  
ilusão de ser outro  
e não ser ninguém... (RIBEIRO, 2002, 180)

A poética de Esmeralda Ribeiro, conforme se nota, demonstra que o sujeito lírico usa máscaras da ficção e da autobiografia para professar uma identidade na alteridade, ou seja, ocorre que o eu-lírico canta o poema a partir do discurso sobre o outro que se iguala ao não ser nada. Esse pessi-

mismo aparece, muitas vezes, em questionamento que joga com as palavras nos versos, a saber: “Se a margarida flor é branca de fato qual a cor da Margarida que varre o asfalto? (RIBEIRO, 1998, p. 181).

Conceição Evaristo com seu poema “Vozes mulheres” reivindica, no limiar da recorrência da memória do passado e tortura, uma liberdade que se metaforiza pelo grito ecoado ao final do poema que não mais cantará a escravidão retida na voz de sua avó, mas que simboliza o sangue e a fome cujo tempo não conseguiu apagar. Essa temporalidade é recolhida pelo ato poético que encena a dor, o sangue e o grito abafado, porém não mais em uma fala amordaçada:

[...]  
A minha voz ainda  
ecoava versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.  
A voz de minha filha  
recorre todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem - o hoje - o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2008, p.16).

Outra voz que não pode faltar na leitura de minorias sociais negras e denúncia de racismo é o texto “Mulata exportação”, de Elisa Lucinda, da série “Brasil, meu espartilho”:

Mas que nega linda  
E de olho verde ainda  
Olho de veneno e açúcar!  
Vem nega, vem ser minha desculpa  
Vem que aqui dentro ainda te cabe  
Vem ser meu álibi, minha bela conduta  
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!  
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)  
Minha tonteira minha história contundida  
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelo!  
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improvisado, seu karaôquê;  
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer

Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.  
Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore  
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.  
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”  
Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.  
Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”  
E o delegado piscou.  
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena  
com cela especial por ser esse branco intelectual...  
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio  
nada disso se cura trepando com uma escura!”  
Ó minha máxima lei, deixai de asneira  
Não vai ser um branco mal resolvido  
que vai libertar uma negra:  
Esse branco ardido está fadado  
porque não é com lábia de pseudo-oprimido  
que vai aliviar seu passado.  
Olha aqui meu senhor:  
Eu me lembro da senzala  
e tu te lembrás da Casa-Grande  
e vamos juntos escrever sinceramente outra história  
Digo, repito e não minto:  
Vamos passar essa verdade a limpo  
porque não é dançando samba  
que eu te redimo ou te acredito:  
Vê se te afasta, não invista, não insista!  
Meu nojo!  
Meu engodo cultural!  
Minha lavagem de lata!  
Porque deixar de ser racista, meu amor,  
não é comer uma mulata! (LUCINDA, da série “Brasil, meu espartilho”).

O poema de Elisa Lucinda representa momentos de assédio e recorte com a história de mulheres negras que eram compradas ou tidas como objetos sexuais pelos senhores brancos camuflados como nobres, não distante do Brasil Colonização. Por trás dos versos: “mais que negra linda (...) de olhos verdes ainda” há explicitamente outro discurso enraizado da mulata que não servia para escrava de trabalho propriamente dito, mas para manter as relações sexuais com o explorador e ainda tinha que manter o silêncio: “Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?”. Sem vestir a hipocrisia de muitos brancos racistas, o poema denuncia as atitudes abusivas de senhores que mantinham a aparência social e relações sexuais com mulheres negras. Afinal, havia duas opções para a mulher negra: ou aceitar a condição de escrava ou aceitar a condição de explorada sexualmente, pois dizia o feitor: “Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer”.

Entretanto, na voz do eu-lírico de Lucinda a mulher negra não mais aceita a hipocrisia e os abusos da lei que favorece o branco intelectual no presídio. A mulher está frente a frente com o delegado e o juiz quando surge outra voz de combate e revide ao dizer que o opressor “branco ardido” lembra da Casa Grande e não mais na senzala. Momento em que a mulher negra vem para passar a história a limpo e escrever outra história de combate ao machismo e racismo: “Porque deixar de ser racista, meu amor, não é comer uma mulata!”. O poema de Lucinda cai muito bem ao que Bosi escreveu em “Poesia e racismo”. Chega-se o tempo de resistência em que a literatura sacraliza a voz de resistência.

Para fechar as reflexões acerca de mulheres negras e combate ao preconceito e racismo, não podemos deixar de ler a artista contemporânea, jovem negra empoderada, Thata Alves, do Sarau das pretas, autora de “Em reticências” e da obra “Troca”, com seu belo poema “Levanta Preta”:

Levanta Preta  
Levanta a cabeça  
Porque não dá tempo pra lamentar  
(...)  
Levanta a cabeça preta  
Porque o turbante fica melhor  
Enaltecido  
E saiba que o que aconteceu contigo  
(...)  
Levanta a cabeça preta!  
Porque a coroa com teus cachos  
Eu não só acho,  
mas tenho certeza  
Que toda sua realeza  
Não combina com essa tristeza  
e que você só mereça  
Os raios de sol  
que tem o teu sorriso  
E que amar é preciso  
Se não for machucar  
Preta  
Há uma continuação de teu reinado  
que do seu ventre fora gerado  
Então joga no chão esse fardo  
E sorria!!!  
Porque de novo se fez dia  
e tens a chance de recomçar (THATA ALVES)

“Levanta a cabeça” é um texto que serve como arquétipo de empoderamento e coragem além de ser um chamado para evitar lamentações

porque o tempo agora é de combate, é de enaltecimento e de recomeço. Na voz instaurada pelo eu-lírico para um tu-enunciador no poema (todas as pretas), a mulher negra deve estar de cabeça erguida e ser motivo de orgulho pela realeza dos cachos e pelo uso do turbante. Eles revelam também, por trás desse empoderamento, as marcas da história do que aconteceu.

Não obstante, o sujeito lírico enuncia que o fardo de ser preta e triste para continuar sendo escrava no silêncio do passado não tem mais espaço na contemporaneidade, “porque de novo se fez dia/e tens a chance de recomeçar”. Assim como na poesia de Conceição Evaristo e Elisa Lucinda, a voz de Thata Alves eclode para deixar as amarras do passado e das mazelas de exploração. O que a mulher negra tem agora é a oportunidade de gritar, cantar e recomeçar ao ganhar espaço em movimentos de luta contra tudo que o passado impôs e a sociedade ainda fecha os olhos para as diferenças demarcadas pela cor da pele.

Passando para uma leitura da poesia negra com o enunciador que se quer masculino, a poesia de Cuti está dentro desta categorização explicada por Ironides Rodrigues. Cuti, um dos membros fundadores do grupo *Quilombhoje Literatura* permite uma leitura crítica da cultura negra no que tange ao resgate da memória do movimento negro. Não obstante, ressalta-se que sua produção carrega traços de um lirismo de exaltação e do orgulho de ser e existir como negro. É neste contexto de valorização e aceitação da cor da pele que a poesia ganha voz de proclamação da memória lírica e coletiva. Publicado em 1978, a obra “Poemas da carapinha” retrata a valorização de ser negro e da intitulação da identidade negra que não pode ser negada a partir da cor ou do branqueamento ou da negação de pertencer ou ser afro-descendente:

SOU NEGRO  
Sou negro  
Negro sou sem mas ou reticências  
Negro e pronto!  
Negro pronto contra o preconceito branco  
O relacionamento manco  
Negro no ódio com que retranco  
Negro no meu riso branco  
Negro no meu pranto  
Negro e pronto!  
Beijo  
Pixaim  
Abas largas meu nariz  
Tudo isso sim

Negro e pronto!  
Batuca em mim  
Meu rosto  
Belo novo contra o velho belo imposto  
E não me prego em seu preto  
Negro e pronto  
Contra tudo que costuma me pintar de sujo  
Ou que tenta me pintar de branco  
Sim  
Negro dentro e fora  
Ritmo – sangue sem regra feita  
Grito- negro – força  
Contra grades contra forças  
Negro pronto  
Negro e pronto. (CUTI, 1978, p.145)

Como se pode perceber, o eu-enunciador que reina no limiar da voz poética não nega jamais a sua cor e seus traços de negritude, o que denota a valorização de sua ancestralidade ao dizer que é negro de pixaim, beijos largos, negro dentro e fora.

Na poesia de Oliveira Silveira há a recifração da imagem da negra Fulô na tradição do modernismo de Jorge de Lima. Em outra vertente, Silveira apresenta ao leitor contemporâneo “Outra nega Fulô”:

OUTRA NEGA FULÔ  
O sinhô foi açoiar  
a outra nega Fulô  
– ou será que era a mesma?  
A nega tirou a saia  
A blusa e se pelou,  
O sinhô ficou tarado,  
Largou o relho e se engraçou.  
A nega em vez de deitar  
Pegou um pau e sampou  
Nas guampas do sinhô.  
– Essa nega Fulô!  
Esta nossa Fulô!  
Dizia intimamente satisfeito  
O velho pai João  
Pra escândalo do bom Jorge de Lima,  
Seminegro e cristão.  
E a mãe-preta chegou bem cretina  
Fingindo uma dor no coração.  
– Fulô! Fulô! Fulô!  
A sinhá burra e besta perguntou  
Onde é que tava o sinhô  
Que o diabo lhe mandou.  
– Ah, foi você que matou!



Disse bem longe a Fulô  
pro seu nego, que levou  
ela pro mato, e com ele  
aí sim ela deitou.  
Essa nega Fulô!  
Esta nossa Fulô! (OLIVEIRA SILVEIRA, 1998, p. 133)

As vozes poéticas cujo eu-enunciador se declara feminino tanto pelo discurso quanto pela própria autoria difere da voz enunciativa masculina. Há no caso das mulheres negras uma luta constante para combater muitos estereótipos, tais como: da mulher negra como símbolo sexual e por muito tempo objeto, a mulher negra como empregada doméstica, cuja única condição dada é a de trabalho para engomar, passar, cozinhar, entre outras indesejadas imposições. O poema de Silveira explicita uma denúncia sobre a condição da mulher objeto sexual que intertextualiza com o poema “Negra Fulô”, de Jorge de Lima do modernismo brasileiro. A diferença do dizer sobre a mulher negra no poema de Lima está na enunciação. Enquanto Jorge de Lima o poeta diz “essa negra Fulô quem roubou”, o poema de Oliveira Silveira se refere a outra negra Fulô:

...seu nego, que levou  
ela pro mato, e com ele  
aí sim ela deitou.  
Essa nega Fulô!  
Esta **nossa Fulô!**

Em ambos os poemas há um poetizar que coloca a negra distante do eu que demarcaria a identidade. Muito mais que isso. A poesia não faz rodeios para explicitar a mulher como objeto de desejo e posse e com uma tessitura sexista.

## **5. Considerações finais**

A guisa de inferências, as obras examinadas permitiram discutir sobre identidade e memória pelo viés da tessitura de combate ao racismo e ao preconceito. Vê-se que a mulher negra e sua luta pelo não silenciamento frente ao preconceito instaurado pela cor da pele, pelas diferenças sociais e pela imposição da invisibilidade arraigada no discurso da sociedade, da história e da literatura ressurgem como vozes gritantes e vozes moventes.

Não há somente uma preocupação em cantar versos de uma escravidão passada, mas uma escravidão ainda no presente, de um racismo disfar-

çado pelo discurso, de uma desigualdade estampada na cor da pele e no tocante ao lugar que o negro ocupa na sociedade. Seria como uma senzala camuflada, pois o negro ainda é o suspeito na hora de um roubo, a mulher negra ainda é diferenciada da mulher branca pelo corpo esbelto e não pela inteligência e igualdade. Por trás de tudo isso, aparece ainda a figura da mulher negra como objeto de desejo.

Por conseguinte, tornou-se possível comprovar que em vários poemas que a mulher é diferenciada da mulher branca quando “lava e engoma” a roupa dos grandes senhores, não mais nas senzalas, mas exploradas como empregadas domésticas, como negras do prazer sexual. A poesia nasce como resistência. A poesia negra é a voz periférica e marginal que faltava na literatura brasileira, a qual aparece agora para denunciar uma sociedade hipócrita que insiste em defender que existe o princípio da isonomia no Brasil, pois ser negro infelizmente ainda é motivo de diferença da cor da pele e exclusão e como críticos literários não podemos também emudecer na academia dos esquecidos na quebra desse silenciamento de vozes de minorias na literatura afro-brasileira ou literatura negra.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Thata. Levanta a cabeça. Disponível em: < <https://projetoempretecer.wordpress.com/> >. Acesso em: jun, 2018.

BAUMAN, Zygmund. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERND, Zilá. *Racismo e anti-Racismo / Zilá Bernd* – São Paulo: Moderna, 1994. (coleção polêmica)

\_\_\_\_\_. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Age, 1987.

\_\_\_\_\_. *Introdução à literatura negra*. Porto Alegre: Age, 1987.

\_\_\_\_\_. *Antologia da poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil* (Org). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-45

DAMASCENO, Benedita. *Gouveia*. Poesia negra no modernismo brasilei-

ro. 2. ed. São Paulo, Pontes, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka*: por uma literatura menor. Trad. de Júlio Castanon. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011. Jul, 2016.

\_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.

EVARISTO, Conceição. 2008. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FILHO, Domício Proença. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estudos avançados 18 (50), 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. BH: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. RJ: DP&A, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Org. José Carlos Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LUCINDA, Elisa. *Mulata exportação*. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/de-elisa-lucinda-mulata-exportacao/>>. Acesso em: Jul, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (Org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.